UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

CENIRA CLAUDINO SALES

A FORMAÇÃO DO CORPO E DA PESSOA NOS PERÍODOS DA GESTAÇÃO, NASCIMENTO E INFÂNCIA KAINGANG

FLORIANÓPOLIS-SC
Fevereiro de 2014

CENIRA CLAUDINO SALES

A FORMAÇÃO DO CORPO E DA PESSOA NOS PERÍODOS DA GESTAÇÃO, NASCIMENTO E INFÂNCIA KAINGANG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, como parte das exigências para obtenção de Licenciada no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata.

Orientador: Prof. Msc. João Rivelino Rezende Barreto.
Co-orientadora: Profa. Esp. Laísa Ere Sales Ribeiro

FLORIANÓPOLIS-SC
Fevereiro de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos **28** dias do mês de **Janeiro** do ano de dois mil e quinze, às **08h30 (oito horas e trinta minutos)**, na Sala **301 – Bloco B**, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador, **João Rivelino Rezende Barreto** e Presidente, Professor(a) **Clarissa Rocha de Melo**, Titular da Banca, e Professor(a), **Silvia Maria de Oliveira,** Suplente, designados pela Portaria nº .13./HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) **Cenira Claudino Sales**, subordinado ao título: **"Formação do corpo da pessoa nos períodos da gestação, nascimento e infância kaingang"**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o(a) acadêmico(a) expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o(a) mesmo(a) foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do(a) Professor(a) **João Rivelino Rezende Barreto**, a nota final 10, do(a) Professor(a), **Clarissa Rocha de Melo,** a nota final 10, e do(a) Professor(a) **Silvia Maria de Oliveira,** a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O(a) acadêmico(a) deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. A banca indica a incorporação das sugestões no texto. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis **28** de **Janeiro** de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. .....

Prof(a) Clarissa Rocha de Melo

Prof(a). .....

Candidato Cenira Claudino Sales

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Cenira Claudino Sales, matricula n.°11103043, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **A FORMAÇÃO DO CORPO E DA PESSOA NOS PERÍODOS DA GESTAÇÃO, NASCIMENTO E INFÂNCIA KAINGANG** , com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis,19 de março de 2015.

Orientador(a)

Minhas avós Maria Dias e Pêdra Sales

Agradecimentos

Nesse pequeno espaço inicio agradecendo a Deus pela vida e pela família que tenho e pela cultura a qual pertenço. Certamente, se ilustrasse aqui todas às pessoas que me ajudaram a seguir na vida precisaria de mais páginas. Contudo resumirei entorno das pessoas que realmente marcaram minha vida familiar, pessoal e acadêmica.

Primeiramente a minha familia: meu pai Modesto Claudino Sales, minha mãe Mariana Bento, meus irmãos e minha filha Mivalna que estiveram comigo, seja nos momentos bons e nos momentos difíceis e que me deram apoio para continuar no curso.

Aos meus colegas das três turmas, kaingang, xokleng e guarani que compartilharam alegrias e dificuldades na vida acadêmica, com os quais pude aprender muitas coisas e vice-versa.

Ao Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catariana. A equipe da coordenação do curso: prof. Lucas, profa Dorothea, Ariana, Juliana, Murito e aos demais docentes, funcionários e discentes que contribuíram para minha formação durante o curso, as pessoas que me atenderam nas entrevistas na comunidade.

Ao prof. Msc. João Rivelino Rezende Barreto e a prof Esp. Laisa Erê Sales Ribeiro que me orientaram e co-orientaram e em muito contribuiram com sugestões e incentivo para o desenvolvimento do trabalho no caminho do conhecimento kaingang.

Em fim, a todos os kaingang da Terra Indígena da Guarita, especificamente do Setor São João do Irapuá que contribuiram com informações, seja através de entrevista, seja com informações espontâneas para que o trabalho pudesse ser desenvolvida. A todos meus sinceros agradecimentos.

Os alicerces dessa educação para a vida são os pais, avós, parentes mais próximos, outros membros mais velhos da comunidade, enfim, toda a comunidade, acaba por se envolver na educação da criança.

Silva

Resumo

O presente Trabalho de Conclusão de Curso traz como tema de reflexão os cuidados necessários durante os trabalhos de parto, bem como as observações necessários para que o nascimento de uma criança possa ocorrer da melhor forma possível de acordo com as normas tradicionais kaingang. Apresenta também os conflitos que passaram a assolar no contexto kaingang com as implementações de outras alternativas para o acompanhamento da gestação, sendo este uma consequência do desligamento aos saberes tradicionais de um povo conhecido como kaingang. Enfim, apresenta uma leitura parcial da cultura kaingang para com o nascimento, gestação, e formação do corpo segundo as concepções tradicionais.

Palavras-Chave: Terra Indígena da Guarita, Gestação e nascimento, formação do corpo kaingang.

Lista de Ilustrações

Figura 1: mapa do Setor São João do Irapuá

Imagem 2: Antônio Bento

Imagem 3: Maria Dias

Imagem 4: mãe kaingang amamentando a filha

Imagem 5: Fĩ (menina/ela) e Tĩ (menino/ele)

Imagem 6: Santo Key Claudino

Imagem 7: Arcídia Amaro e Maria Gria

Imagem 8: Cleunice Kaingang e seu filho

Notas Gramaticais em Língua Kaingang

Kamé – metade exogâmica com marca comprida (|)

Kairu – metade xogâmica com marca com círculo redondo (●)

Kuja – líder espiritual kaingang

Kofa – velho sábio

Mĩnkã: nome kaingang

Irapuá: bola de abelhas que cria nas árvores

Fĩ: ela

Tĩ: ele

Fuja: planta de alimentação kaingang

Tuja: cesto grande (balaio)

Sumário

INTRODUÇÃO **13**

Capítulo I: Formação cultural e a Terra Indígena da Guarita **15**

1.1 Construindo os dados e unidades pessoais 16

1.2 Setor São João do Irapuá 20

1.3 Normas tradicionais para o desenvolvimento do ser kaingáng 25

1.4 Novos métodos e rituais praticados pelas mulheres kaingáng no período da gravidez 29

Capítulo II – As transformações entre os cuidados na formação do ser kaingang **33**

2.1 Desenho de um corpo humano masculino e feminino 34

2. 2 Os Partos na aldeia 36

2.3 Descrição de uma experiência materna kaingang 39

2. 4 A infância kaingang 41

2.5 O momento da escola para os kaingang 44

Considerações Finais **46**

Bibliografia **48**

Anexo **49**

Encontro de gestantes no Setor Irapuá 49

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA TERRA INDÍGENA DO GUARITA

Fonte: www.portalkaingang.org / complementação/formatação (Cleci Claudino).

INTRODUÇÃO

Quando comecei a desenvolver meu projeto de pesquisa não sabia muito bem por onde começar, muito menos como realizar uma pesquisa de campo para coleta de dados, bem como quem procurar para buscar informações através de entrevistas.

Aos poucos comecei a delinear o caminho de pesquisa uma vez que passei a entender que eu mesma tinha essa experiência uma vez que sou mãe e também pertenço ao povo kaigang. Essa chave de leitura foi importante para o meu trabalho, além do próprio domínio da língua kaingang, uma vez que sou falante da língua, aliás, com os mais velhos a comunicação sempre é em língua kaingang. Assim, percebi que eles também se sentiam mais a vontade quando ia ao encontro deles.

Creio que, de certa forma, foi um desafio também pra eles na medida em que eu faço parte da cultura que eles pertencem também. Em outras palavras, certamente ficaram surpreendidos pelo meu interesse ao tema em tela, isto é, sobre a formação do corpo e da pessoa nos períodos da gestação, nascimento e infância kaingang. Em todo o caso, o que apresento nesse Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado das coletas de dados que consegui realizar junto aos meus parentes e junto à realidade em que vivo.

No Capítulo I, a partir de uma autobiografia faço uma leitura parcial sobre a cultural local no que se refere a São João do Irapuá, é uma forma de trazer em memória a formação cultural que fui estabelecendo conforme a vida que foi condicionado a mim pelos meus familiares, enfim, as pessoas na comunidade. Apresento também um pouco da situação histórica da Terra Indígena da Guarita. Em prática, foi esse caminho que encontrei para desenvolver minha breve reflexão no Capitulo I.

No Capítulo II, trago uma leitura mais voltada para a compreensão dos valores culturais no que se refere ao nascimento, gestação, parto e infância kaingang, especificamente

procurando apresentar ou notar os valores de algumas que consegui entender durante o desenvolvimento do trabalho.

Creio que consegui apresenta o resultado da minha pesquisa da melhor forma possível, e que essas reflexões possam gerar mecanismos para nossas comunidades de base na terra indígena, bem como para dialogar com nossos valores. Como não dizer também que isso vai ser muito importante para o conhecimento dos meus filhos, parentes e todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a produção do meu trabalho. Estou certa de que a partir disso poderão surgir outros debates, seja isto em contexto acadêmico e precisamente em contexto da terra indígena. Vale lembrar que não sou especialista, mas que procurei apresentar aquilo que meu povo entende, os valores que são da cultura kaingang, enfim, procurei descrever e refletir a partir do meu própria ser kaingang, uma kaingang pensando a própria cultura kaingang.

Capítulo I: Formação cultural e a Terra Indígena da Guarita

1.1 Construindo os dados e unidades pessoais

Me chamo Cenira *Minkã* Claudino Sales, 30 anos, filha de Modesto Claudino sales (metade exogâmica *kamé*, marca comprida que seria o risco) e de Mariana Bento (*kairu*, marca redonda), ambos da etnia kaingang. Nesse caso, o casamento dos meus pais descreve o sistema tradicional de casamento kaingang que por sua vez orienta a organização social kaingang em duas metades exogamicas: *kamé* (|) e *kairu* (●). Seguindo o sistema de organização social kaingang pertenço à metade exogâmica *kamé* que é conhecida por uma marca comprida, que é marca do meu pai Modesto Claudino.

Nasci no dia 01 de Setembro de 1984 em São João do Irapuá, Terra Indígena Guarita, localizada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - RS. Somos quatro irmãos. Moro no setor (aldeia) São João do Irapuá. Conforme os relatos de minha mãe, nasci na "farmácia" da comunidade junto às parteiras e enfermeiras não indígenas e recebi o nome de Cenira em homenagem a enfermeira não indígena que acompanhou meu nascimento, pois, eu não tinha nome de "branco", somente o de kaingang, isto é, *Minkã* que significa...

Por fazer parte de uma cultura indígena kaingang envolvendo outros fatores culturais e realidades locais, cresci numa família de lavradores, e meu pai sempre trabalhou na lavoura junto com meu avô, e até hoje continua exercendo essa profissão para sustentabilidade da família. Além disso, ainda no período de infância, lembro que meu pai sempre ia caçar e pescar, uma atividade que gostava de participar e por isso costumava acompanhá-lo em vários momentos. E, esse contato com a natureza e processo de aprendizado com o meu pai em vários ambientes, e principalmente no lar materno, começou a se alternar para outro ambiente educativo quando aos sete anos de idade comecei a frequentar a escola, em minha companhia

também estava um dos meus irmãos Marcos Claudino (mais velho) e meu irmão mais novo, Mauricio Claudino.

Desde os primeiros momentos notei que o corpo docente na escola era composto por maioria pelos professores(as) não indígenas, mas minha primeira professora era kaingang, isso foi muito importante porque era uma pessoa de confiança e conhecida na região e pelos kaingang do setor São João do Irapuá. Na escola onde comecei a estudar funcionava o Ensino Fundamental para séries iniciais (até quarta-série), por este motivo a partir de Quinta Série passei a estudar em uma escola fora da Terra Indígena Guarita. Claro, o novo ambiente escolar apresentava suas diferenças e também desafios, uma vez que sua clientela de alunos era todos não indígenas, era estranho, mas nem por isso deixei de viver a minha cultura, principalmente na preservação da língua kaingang, muito menos isso interferiu nos meus princípios. Foi assim que tive a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental fora da minha aldeia. E, penso que meu aprendizado foi se expandindo na medida em que passei a ter dois ambientes de ensino: a aldeia e a escola.

Outra formação que passei a ter foi Magistério em curso normal que conclui no ano de 2007, e na ocasião tive a oportunidade pra realizar meu Estágio na escola indígena da minha comunidade. Essa experiência foi muito importante e interessante no início, até entender que precisava rever meus planos de aula, pois até então, no início meus planejamentos de aula eram todos em Língua Portuguesa, e com o tempo passei a perceber e compreender que as crianças indígenas não entendiam e não conseguiam acompanhar o desenvolvimento das minhas aulas, coisas que pra mim, pelo fato de ter estudado numa escola não indígena, eram simples. Aos poucos comecei a constatar essa dificuldade e passei a entender que esse problema ocorria devido os planejamentos de aula não terem sido pensadas de acordo com a realidade em que os alunos viviam.

Esse desafio me faz entender hoje que as escolas de fora não nos preparam para a realidade cultural em que vivemos e construímos nossa história, com o nosso modo de ser e pensar, de se organizar e trabalhar, enfim, de se formar e se aperfeiçoar observando, praticando sem muitas teorias e discursos no ar. Além disso, a formação escolar que me era passado era da cultura na qual não estava inserida integralmente. Aliás, maiorias das escolas não indígenas no nosso Estado do Rio Grande do Sul não estão preparadas pra receberem alunos indígenas, precisamente as diferentes culturas existentes em vários aspectos sociais na região e que abarque uma proposta metodológica de ensino que proporcione para uma visão de interculturalidade. Assim, muitos alunos indígenas que ingressam em escolas regulares passam por muitos desafios.

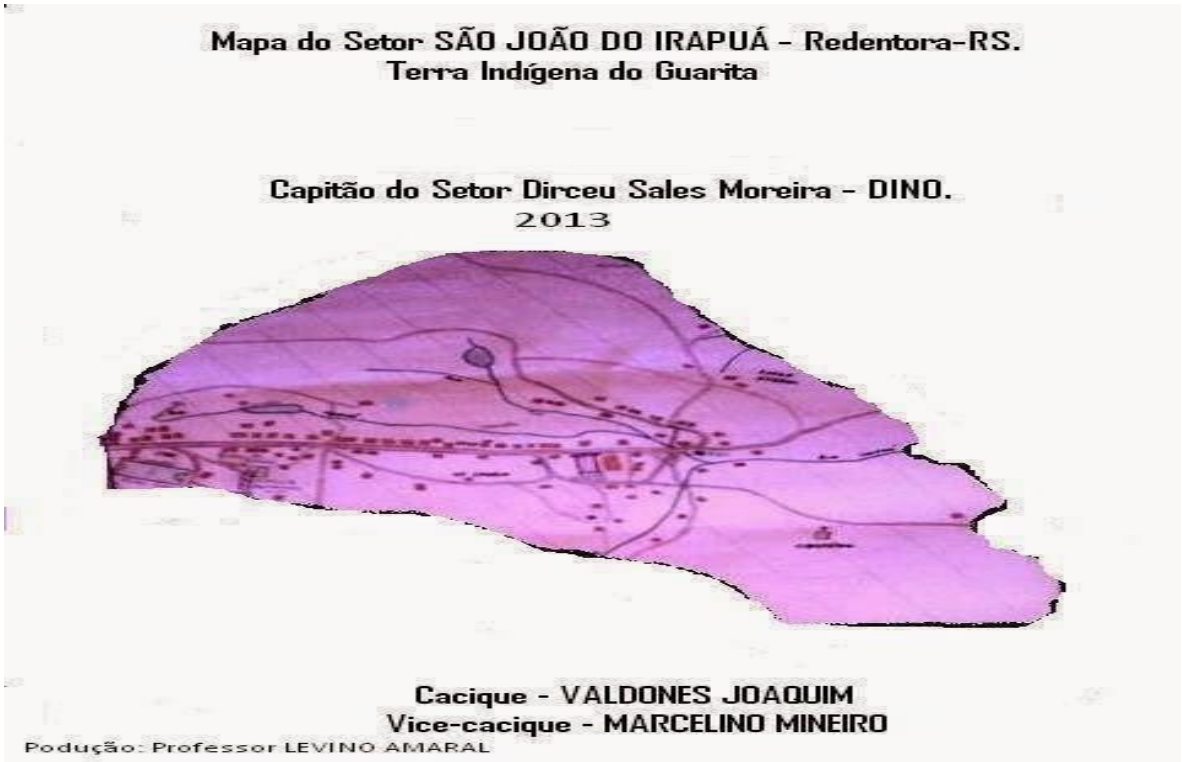
Geralmente, quando ingressamos numa escola as expectativas são muitas e variantes, mas também acabam se tornando ilusões quando isso parece não trazer os resultados almejados, e isso acaba sendo a causa de muitas desistências dos alunos indígenas nas escolas. Essa era e ainda é a realidade em nossas aldeias, pois, as escolas não apresentam uma pedagogia da alternância onde aprendizado se equalize entre o Tempo Escola e Tempo comunidade. São desafios que cada estudante indígena vivencia, entre a vida cultural que mantêm na aldeia, e a realidade formativa que a escola lhe apresenta como necessidade para o convívio na sociedade em desenvolvimento. É nessa situação que eu também estou envolvida.

No ano de 2010 participei de um curso específico para professores indígenas e isso me ajudou muito na medida em que passei a perceber que os valores culturais kaingáng estavam sendo esquecida e desvalorizada. Um dos motivos que me fizeram gostar do curso foi justamente o incentivo que recebíamos dos professores para fazermos os planejamentos de aula em Língua Kaingang, pensando nos elementos da realidade da própria comunidade, uma experiência e modo de planejar aula totalmente diferente do que aprendi no magistério para não indígenas.

Ainda no final do ano de 2010 tive a oportunidade para ingressar em um curso de nível superior, isso porque o Magistério me possibilitou a ter boa formação, mas sentia que isso não era suficiente, pois precisava me qualificar melhor nos estudos pra continuar buscando uma metodologia de ensino que possibilitasse a pensar e projetar um ensino diferenciado na escola indígena. Essa oportunidade passou a se concretizar quando me inscrevi para o vestibular da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina que abriu, na ocasião, 42 duas vagas para os Kaingang, dentre os classificados estava meu nome e fiquei muito feliz por ter sido selecionada e escolhi a área com ênfase em Linguagem.

Penso que a cada dia surge novo desafio, isso tanto do ponto de vista de uma aldeia como do ponto de vista de uma universidade. Nesse sentido a formação acadêmica passa a ser uma necessidade para nós indígenas na medida em que isso possibilita a termos conhecimentos sobre os saberes e conhecimentos do nosso próprio povo kaingang. Em outras palavras, temos que buscar a formação acadêmica nas universidades pensando a nossa própria cultura. Hoje em dia estamos envolvidos diariamente com a cultura urbana e que muitas vezes, e se não estivemos atentos à cultura indígena pode passar a ser uma cultura subalterna da cultura urbana, discriminada e desvaloriza. É certo que temos muito campo pra pensar no âmbito das comunidades para que a cultura kaingáng continue sendo valorizada e vivenciada.

1.2 Setor São João do Irapuá



Fonte: Sjirapua.blogspot.com. Figura 1.

O setor São João do Irapuá está dentro da Terra Indígena do Guarita que foi demarcada no ano de 1918, com extensão de 24.416 hectares; possui uma população de aproximadamente 7.000 kaingang, e é a maior terra indígena do Estado do Rio Grande do Sul, situado ao noroeste do estado e faz divisa com três municípios: Tenente Portela, Redentora e Erval Seco.

Segundo as informações do senhor Antônio Bento kaigang de 93 anos, nesta região, isso bem antes da chegada dos colonizadores, havia apenas mata e um pequeno campo de criação de gado. Nesse tempo, havia muitas bolas de abelha em árvores daquela mata e do outro lado moravam pequenas famílias que não eram indígena e que por sua vez deram o nome àquele lugar por causa das abelhas que era Irapua, muito conhecido pelos kaingang. Era, portanto, o espaço em que procuravam seus alimentos, vestes (folhas utilizadas para

vestimento) e materiais de construção de suas moradias, fabricação de armas e coleta de ervas medicinais.

Antônio Bento kaingang. **Imagem (2)**: Cenira Claudino Sales.

Para o tratamento de certas doenças daquela época os pais davam banho no rio que fica na comunidade, que era conhecido como rio de água santa, para seus filhos não ficarem doentes. Também buscavam nos rios alimentações através das técnicas de pescas. O grupo delimitava seus território através de sua ocupação de um grupo em um determinado lugar com o outro grupo, isso porque, os kainhgang dessa época se sentiam na obrigação de mudar de um lugar para outro principalmente em época da escassez de alimentos. Assim, na falta de alimentos em um determinado lugar, transitavam de um lugar para outro, preferencialmente procurando lugares em que a mata oferecia alimentos ao grupo. Além disso, estabeleciam preferências no que se refere a lugares, assim, viviam em proximidades dos rios e que hoje chamado Rio Guarita, e por sua vez, influenciou para que o lugar fosse denominado como Terra Indígena do Guarita.

A partir da chegada dos colonizadores, e também do SPI (Serviço de Proteção ao Indio) onde o primeiro chefe era conhecido como Ferraz que ficou pouco tempo nessa comunidade, sendo logo substituído por outro chefe conhecido como Coronel ou

precisamente Sebastião. Hoje, o grande líder é o cacique que, em certo momento, foi eleito pela comunidade. Nesse tempo, teve início o desmatamento, isso em meados de 1970 quando o território kaingang passou a se restringir, bem como os alimentos e ervas medicinais tornaram-se mais escassos. Além disso, muitos kaingang passaram a ser obrigados a trabalhar em troca de comida, pois, a mata já não oferecia fartura por causa de constante desmatamento. O desmatamento na região, no caso, iniciou em 1970, isso envolveu ou coincidiu com a chegada de colonizadores e do e funcionários do SPI. Nesse período, começaram também ser construído estradas, cultivaram trigo e soja, tudo isso com mão de obra indígena que, por sua vez, foram forçados a participar dessa construção de uma nova realidade na região, muitos trabalharam nas se serrarias e olarias onde era fabricado materiais para ser vendido fora do território. Por outro lado, a implantação do posto de saúde no setor foi devido os trabalhos dos responsáveis pelo SPI e que aos poucos os kaingangs forem se estabelecendo em setores.

Os termos setores é utilizado no que é chamado aldeias, e dentro da Terra Indígena do Guarita existem 17 Setores, a saber: Pedra Lisa, ABC, Três Soitas, KM10, Pau-Escrito, Linha Mó, Linha Esperança, Irapuá, Mato Queimado, Estiva, Laranjeiras, Missão, Capoeira dos Amaros, Katiú Griá, Gengiva, Linha São Paulo, Bananeira, sendo dois setores dos Guarani. Em se tratando do Setor São João do Irapuá vivem aproximadamente 200 famílias. Assim como outros Setores, São João do Irapuá tem proximidade com o contexto e cultura urbana, e cada kaingáng passa a ter acesso aos materiais urbanos como também na convivência indireta com os “brancos” que estão em seu entorno. Essa dependência dos materiais do contexto urbano se refere a materiais de consumo como alimentos, roupas, calçados, empregos, escolas e mercados, assim como o próprio uso das linguagens urbanas. Desta forma, os materiais de consumo de quem vive dentro de um contexto urbano não está distante nos setores kaingang da Terra Indígena do Guarita. Assim, aqueles que não são assalariados por alguma instituição,

procuram se empregar em diversos serviços na região para garantir o sustento familiar, entre outras necessidades que só é possível adquirir através de dinheiro.

Hoje em dia, as coisas urbanas no contexto da cultura kaingang não são mais novidade como em tempos idos, pois, de uma forma ou de outra, todos acabam se envolvendo com essa dependência, como é o caso da alimentação, roupas, bebidas, calçados, perfumes, materiais escolares, materiais para construção de casas, materiais para trabalhos nas lavouras etc. Antigamente havia variações de alimentação na medida em que caça e pesca estava ao alcance dos kaingáng, mas o desmatamento de suas terras fez com que essa prática torna-se crítica, e as farturas de alimentação diária se reduzissem aos limites das condições financeiras. Assim, quem não tiver empregado passa por necessidade, uma vez que não tem o que receber em dinheiro e logo não tem com que comprar nos mercados materiais de sua necessidade.

Esse sistema de consumo agora regrado pelas condições financeiras trouxe outro desafio para dentro dos setores indígenas no que se refere a tradicional partilha da coletividade kaingáng que passou a se limitar apenas no âmbito das famílias nucleares, ou seja, o espírito de partilha coletiva na comunidade passou para espírito de partilha individual. Não é que as pessoas não queiram partilhar em coletivo, mas porque as condições são limitadas. Embora isso, os kaingang começaram a estabelecer novas articulações através de organizações festivas, conhecido na região como bailes. De uma forma ou de outra, essas articulações acabam reunindo tanto indígenas como também não indígenas, são novos meios de socializações.

Hoje em dia não dá mais pra convidar outras famílias e partilhar uma caça abatida no dia, até porque cada kaingáng, praticamente, dependem dos mercados urbanos onde compram carnes, frangos, arroz, feijão, macarrão, enfim, todo tipo de alimento que acham necessário para as famílias. Mas isso não chega por acaso, muitas famílias hoje dependem da Bolsa Família, aposentadoria; outros são funcionários públicos, trabalham como professores, agente

de saúde. Ainda existem outros que trabalham nos frigoríficos e construções urbanas, são ajudantes de pedreiros, trabalham em serviços gerais nas casas das famílias na cidade, enfim, lutam diariamente para oferecer melhores condições de vida para suas famílias. Portanto, hoje em dia é através das profissões exercidas que os kaingáng encontram meios de suas subsistências.

Ao mesmo tempo em que se buscam novos meios de subsistências existem também outro desafio que é justamente a convivência entre o setor urbano e setor kaingang, principalmente no que diz respeito a bebidas alcoólicas, violência doméstica e drogas que acabam desestruturando as famílias. É mais grave quando do pouco que ganham acabam gastando em bebidas, festas, drogas deixando ainda mais crítica a situação social e condicional das famílias kaingáng. Mas isso não se generaliza, pois existem pessoas com esses desafios, assim como outros que buscam as alternativas que beneficiem os Setores kaingáng, em especial para implantação de escolas com uma pedagogia da alternância dentro da Terra Indígena.

Contudo, é em meio a esses desafios e perspectivas que os kaingang do Setor São João do Irapuá vivem e trabalham. Se organizam conforme suas necessidades e capacidades. Não perdem a esperança em preservação de sua cultura. Continuam falando sua língua. Pensam em suas tradições culturais e querem continuar vivendo nos valores culturais do ser kaingang.

1.3 Normas tradicionais para o desenvolvimento do ser kaingáng

Maria Dias. Conhecedora das ervas mediciais. **Imagem (3)**: Cenira Claudino Sales.

Reza a tradição kaingáng que toda mulher deve observar e praticar as normas tradicionais de seu povo no período da gravidez. Mas conforme o tempo essas observações e atenção ao cuidado e preservação da saúde da mulher e da criança passaram a ser dado como desnecessária por várias pessoas, incluindo as próprias mulheres kaingang, principalmente as mulheres de geração mais nova.

Essas situações passaram a intermediar para surgimento de vários problemas que comprometem na saúde das famílias nucleares, porque, hoje em dia as gerações mais novas desconhecem sobre a importância dos alimentos tradicionais kaingáng e que se torna um desafio diário nas novas famílias que vão se constituindo na terra indígena. Ao mesmo tempo, mesmo que saibam que a tradição da cultura a que pertence estabelece uma norma cultural as pessoas não tem a preocupação de levar isso como orientação de validade para sua vida. Assim, acabam passando por cima daquilo que a tradição e cultura kaingang reza sobre as

normas de observância da mulher no período da gravidez. Em outras palavras, a desvalorização se concretiza quando pensam que isso não é mais importante para a vida, uma vez que as soluções são possíveis de encontrar fora da aldeia, como hospitais e postos de saúde.

No caso dos mais velhos dos setores, quando perguntados como era no “tempo deles”, trazem em memória como sempre sendo o “tempo bom”. Essa referência ao “tempo bom” é justamente pelo fato das observações e cuidado com a saúde da mulher no período da gravidez tenha sido preservado mais. Ocorre que a cultura kaingáng sempre esteve em transformação, assim cada período apresentou seu significado cultural. Por outro lado, não significa que hoje as mulheres deixaram de ter cuidado, mas que simplesmente passaram a adotar outros meios de cuidado, como é o caso do acesso às orientações dos agentes de saúde ou unidade de saúde e outros meios de cuidados recomendados pelo médico quando consultado.

Geralmente, em tempos idos quando a mulher kaingang descobria que estava grávida passava a ser acompanhada pelas parteiras da comunidade que através das ervas medicinais que conheciam passavam a cuidar da gestante com orientações, recomendações e restrições a certas ações na vida diária. Esse cuidado envolvia o preparo da erva medicinal em bebida, cujo objetivo era proporcionar o fortalecimento e proteção do corpo, assim como para produção de leite materno. Além disso, a mulher também precisava assumir certas atividades que prepararíam o corpo para um parto com rapidez e menos dolorido. Dentre os exercícios mais notáveis se destacavam: trabalho na lavoura; socar milho e erguer peso com cesto cheio de milho; carregar madeira; assim como buscar taquara para produção de artesanato; levantar bem cedo e tomar agua no rio. Isso seria como remédio, após tomar banho antes que pássaros cantassem. E cada exercício tinha como objetivo acelerar a atividade de parto da mulher. Enfim, para que a mulher não tivesse complicações no momento do parto.

Outras regras e costumes para a mulher kaingáng era não sentar na porta da casa, assim como não era permitido comer a rapa da comida da panela. As mulheres grávidas não podiam passar em baixo de cipó ou arame e nem colocar carretel de linha no colo quando fosse costurar. Isso poderia prejudicar o nascimento da criança, ou o cordão umbilical poderia enrolar no pescoço da criança e esta nascer morta. Outra orientação era não comer cabeça de peixe se não a criança iria nascer com a boca grande, e também não comer a cabeça do tatu se não a criança poderia nascer com os olhos muito pequenos; não pendurar a tesoura para baixo, isso causaria rachaduras no rosto, tipo uma deficiência na criança. Além disso, a mulher não podia sair tão longe, com intuito de evitar que a mulher se assustasse ao ver uma cobra ou outras situações inesperadas que acaba causando um susto imprevisto e seu filho nascer com o corpo mole. E essas compreensões se expandem para questões da alimentação o que para os mais velhos da aldeia é um dos motivos das complicações na hora do parto e as deficiências físicas em algumas crianças que nascem. Quanto a isso, a ideia era prevenir o nascimento da criança, pelo contrário, na concepção kaingáng se isso não fosse observado a criança poderia ficar grudada no útero da mãe, comprometendo, portanto, no nascimento da criança e consequentemente na própria saúde da mulher.

Esse sistema de cuidado e observação não se limitava apenas na responsabilidade da mulher, pois, envolvia também a participação do homem, isto é, na medida em que a mulher previa o nascimento da criança o marido, por sua vez, passava a se preparar para esse momento estando mais presente em casa. Entre os cuidados da parte do marido envolvia em não ir muito longe para caçar e pescar, assim como nos trabalhos em lavouras, e quando a mulher começava a sentir contrações iniciava-se também a participação do marido no parto da mulher quando assumia na execução uma atividade que refletisse no parto da mulher. Assim, o marido tinha que buscar capim perto do rio para arrumar o leito que pudesse acomodar a mulher no momento do parto. Além dessa atividade, começava a correr entorno da casa

carregando um cesto cheio de milho, e, após o nascimento era o homem quem tinha que dar o banho na criança e aquecer ao calor do fogo. Portanto, tanto a mulher como o marido assumia de qualquer uma função condizente ao bom desempenho do parto.

Após o nascimento da criança a mulher para não pegar nenhuma infecção tinha que ir para casa da mãe, isso em vista de preservação e precaução de contato dela com seu companheiro por quarenta dias. Nesse período seguia normas estabelecidas pelas famílias, principalmente da parteira ou de outra pessoa que assumia a responsabilidade no cuidado com a mulher nesses procedimentos. Umas das exigências era não tomar água pura, somente chá de ervas medicinais como *penuá fej kar um keta féi tinh tej myrrer ke tánh* (folha de pitanga, e outro uma folha amarela). Esse procedimento é vista do reestabelecimento do corpo da mulher, assim como para que o cuidado se centralizasse mais na criança em seus primeiros dias de vida.

É importante salientar que muitos desses costumes já foram deixados de lado, mas que alguns rituais ainda são praticados pelas mulheres kaingáng. Isso leva-nos a pensar que essas normas tradicionais continuam presentes nos dias de hoje, mas em muitos casos simplesmente permanecem nas memórias dos kaingang de gerações mais antigas. Dito de outro modo, se os kaingáng descrevem como eram ou ocorriam essas observâncias é certo que esses saberes tradicionais continuam existindo em suas memórias, porém em prática isso já não se concretiza. No caso uma prática tradicional passou a existir apenas na teoria ou nas ideias, quando na verdade a tradição reza o inverso. As preocupações no caso geralmente ocorrem quando as pessoas percebem que os riscos passam a ser eminente no momento do parto, assim como no período da gravidez. Desta forma, em muitas situações quando as mulheres encontram-se em situações complicados, seja no momento do parto ou no momento do pós-parto, é que passam a se preocupar, assim passam a compreender de que deveriam ter observado mais o que a tradição kaingang reza sobre os cuidados na gravidez.

1.4 Novos métodos e rituais praticados pelas mulheres kaingáng no período da gravidez

Mãe kaingang amamentando sua filha. **Imagem (4)**: Cenira Claudino Sales.

A falta de parteiras tem feito com que esses costumes em algumas aldeias deixassem de ser praticados na medida em que a preferência para acompanhamento dessa fase passaram a ser as unidades básicas de saúde onde recebem orientações das(os) agentes de saúde, sejam estes indígenas e não indígenas, isso porque, muitos indígenas hoje trabalham na área da saúde, assim são enfermeiros e trabalham nos postos de saúde instalados dentro da Terra Indígena.

Em geral, o novo procedimento de assistência passou a incluir presença dos(as) médicos(as) que trazem métodos específicos e diferenciado para orientação que exige repouso total, assim como são aconselhadas a tomar vitaminas e outras orientações específicas, como massagens, relaxamento, caminhadas. Uma vez que são orientações médicas logicamente que as mulheres kaingang no período da gravidez passaram a adotar novos métodos e rituais na

medida em que passaram a ter acesso às unidades básicas de saúde e acompanhamento médico que orienta para que adotem novos procedimentos, diferentes em relação aos costumes da tradição kaingang.

Até a década de 1980, muitas crianças nasciam aos cuidados e acompanhamentos das parteiras indígenas, ou enfermeiras não indígenas da Fundação Nacional do índio (FUNAI), que tinham a responsabilidade pra realizarem os partos nas Unidades Básicas de Saúde que, antigamente, eram conhecidos por kaingang como “farmácias” que tinha leitos para eventuais internações. Hoje na Terra Indígena do Guarita as mulheres kaingáng que estão no período da gravidez passaram a ter uma preferência maior pelo atendimento nas unidades de saúde. Assim, quando uma mulher descobre que está grávida logo passa a se projetar para buscar o acompanhamento dos enfermeiros e dos médicos nas Unidades Básicas de Saúde.

Esses acompanhamentos nem sempre ocorrem conforme o que as mulheres kaingang projetam, principalmente quando se trata da disponibilidade dos médicos em casos de complicações, além do próprio investimento na saúde indígena por parte dos governantes que em prática parece não haver tanta importância. Desta forma, muitas mulheres acabam sofrendo pela ausência dos médicos naquelas proximidades quando estão em procedimentos de parto. Isto pra dizer que, ao mesmo tempo em que sejam apresentadas alternativas para cuidado do corpo da mulher no período da gravidez acaba se apresentando distante de tudo.

Por outro lado, entende-se que a ausência de parteiras nas comunidades indígenas acaba influenciando para desinteresse nos cuidados do corpo, assim como outros rituais indígenas de preparação para o parto que já estão sendo deixados de lado pelas mais jovens. Desta forma, os hábitos alimentares tradicionais que envolvem, a saber, o que comer, como comer e quando comer já não são levados em consideração. Hoje as pessoas comem à vontade, sem limites muitas vezes, o importante para muitos é a satisfação do corpo, não mais

o cuidado requisitado pela tradição kaingang quando se pensa na formação do corpo da mulher, do homem e da criança.

Para os mais velhos das comunidades isso traz desconforto, pois, estes passam a perceber e ter a compreensão de que os conhecimentos tradicionais de seu povo já não estão mais sendo valorizados e por isso mesmo sentem-se desprestigiados e deixam de adotar métodos de incentivos tradicionais que condicionam para o bom desenvolvimento da criança no útero materno, assim como para segurança e benefício da saúde do corpo e alma da mulher. Aliás, os tempos hoje são outros, pois, as pessoas também hoje não reservam momentos específicos que era reservado para de assuntos de interesse da cultura kaingang. Ao invés disso, o ambiente kaingang em nível de muitos setores é condicionado pelos novos espíritos de organização, seja isto do ponto de vista político, assim como novos sons sociais de desenvolvimento que ecoam dentro da Terra Indígena.

Isso faz ou fez com que os fundamentos dos saberes tradicionais kaingáng passassem por um momento crítico na medida em que o acesso a unidades básicas de saúde passaram a fazer parte da vida das mulheres em período da gravidez em contextos kaingáng. Sem dúvida, o que está em jogo é o confronto entre os saberes diferenciados, isto é, o saberes indígenas e os saberes não indígenas. Nesse caso a questão alimentar é um conhecimento tradicional de suma importância para a formação do corpo da criança kaingáng.

Entende-se que, apesar de estar correndo o risco de ser esquecida pelas futuras gerações, as mulheres kaingáng ainda tentam dar continuidade às práticas tradicionais relacionadas aos cuidados no período que envolve a gestação, principalmente as mais maduras. Em prática, uma das orientações das mães e avós para uma mulher grávida é em relação ao cuidado com a alimentação e atividades físicas. Não que isso seja desnecessário, mas é imprescindível levar em conta os conhecimentos tradicionais dos kaingáng,

especificamente os profissionais que atuam em Terra Indígena deveriam passar por cursos de preparação e de conhecimento dos costumes de cada povo indígena.

Essas questões envolvem muitas coisas, principalmente quando o discurso é em relação aos valores culturais que passam, em certo momento, por situações críticas. Um dos exemplos, é presença de objetos tecnológicos nos lares kaingang, além da própria escola que precisa ser repensado constantemente e de acordo com a necessidade e finalidades culturais. De certo modo, restringe a conexão do Kofa com as crianças. Assim, o que a criança aprendia em casa de forma tradicional e com o acompanhamento familiar não se vive mais nos dias de hoje. Isso, porque, as crianças, por exemplo, não convivem mais na presença dos Kofa que são os responsáveis para transmissão das histórias e conhecimentos kaingang. A isso é necessário, portanto, levar ou aproximar as crianças kaingang com os Kofa, uma vez que esses são a memória viva.

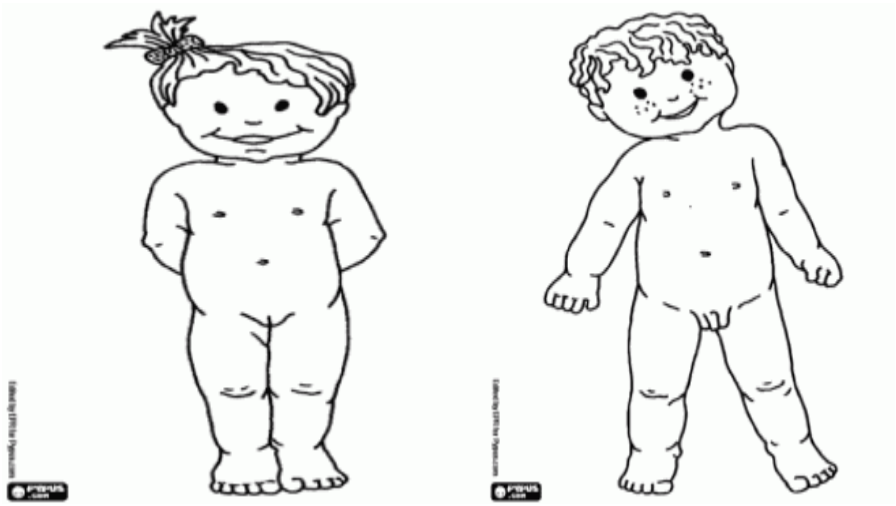
De outra forma, a criança sempre participa de tudo que a família faz e vive em casa, na comunidade e no dia a dia vão aprendendo ou tendo conhecimento sobre seus direitos. Isso é o estabelecimento de um ensino que se concretiza desde o nascimento. Os kaingang tem muito respeito pela criança, por este motivo todos são responsáveis no cuidado dos filhos da em certo contexto indígena, nisso surge a seguinte expressão: “todas as crianças da aldeia como se fossem nossos filhos, e durante seu crescimento ele já vai conhecer seus parentes tanto paterno o materno tios e tias e outra criança kaingang”.

Esse acompanhamento e atenção é justamente porque a criança está na fase de crescimento e que, portanto, é necessário muito cuidado na medida que se entende de ele está desenvolvendo sua mente e que começa a aprende os valores da vida e da cultura e que vai receber o seu aprendizado para toda vida, bem como vai sendo repassa para diferentes gerações em seu tempo, contexto e espaço.

Capítulo II – As transformações entre os cuidados na formação do ser kaingang

2.1 Desenho de um corpo humano masculino e feminino

Fĩ (menina) **Tĩ** (menino)



Fonte : www.colorirgratis.com **. imagem (5)**

Quando a criança nasce precisa de um cuidado especial, isso tanto a mãe e especificamente a criança. Esse cuidado de maior relevância dura sete dias, entre os cuidado a exposição no calor do sol e da claridade, ambos são orientados a ficar num lugar bem mais reservado e de clima aconchegante, especificamente na casa.

Em prática, trata-se do período de resguardo e, portanto, precisa ser respeitado porque os espírito podem perturba a mãe e a criança, hoje ainda esse costume é muito respeitado entre os kaingáng, pois, as mães tem medo que seus filhos adoeçam e os espíritos podem entrar para perturbar a criança que chora durante a noite.

Outro cuidado e preocupação que deveria estar sendo preservado até hoje, é com o umbigo onde antigamente era cortado com um talo de taquara e quem cortava eram as parteiras ou suas avós ou avôs que enterravam na porta de casa porque quando se tornassem adultos iriam se casar com membros de outra aldeia ou ir embora, mas sempre iriam lembrar de sua família e vai voltar pro lugar onde seu umbigo foi plantado, caso for enterrado no pé de uma árvore vai ser um bom caçador um bom guerreiro e ter sorte.

Esse ritual até hoje ainda é praticado por algumas famílias da Terra Indígena do Guarita. Desde que a criança nascia seu umbigo era cuidado por vários meses com uma faixa e ervas medicinais amarradas na cintura da criança, esta tem que deitar nos pés da mãe para não ter cólica durante a noite, não ficar com a criança debaixo de sombra de árvore se não a árvore poderia ficar com o espirito da criança. Para dar nome à criança deve ser de um bom animal ou de uma árvore ou de um guerreiro e observando o *rá de* dele (confuso!) se é *kame* ou *kairu* onde tinha que encarvoar a criança com certa planta para ser forte guerreiro e sadio.

Outro cuidado importante é que não deve deixar a criança chorar muito durante a noite se não os espíritos podem perturbar a criança durante a noite, e para esse equilíbrio é tirado do mato erva medicinais para passar na boca da criança, e para a criança não criar ferida essa erva tem que ser bem esmagada. Durante os sete dias uma mulher que esta menstruada não deve olhar a criança porque a criança pode ficar doente. Quando a criança tiver dois meses já pode tomar água. Outra estratégia específica é pensando para a criança caminhar rápido onde se estabelece o ritual simbólico de lavar com pena de galinha ainda morna. Essas estratégias e articulações são muito culturais que passaram a se consolidar de forma tradicional por várias gerações kaingang que adotaram esses sistemas.

Quando criança começa a comer o primeiro alimento a ser dado é caldinho de *fuja* para não dar anemia e chá de pitanga por causa de nascimento dos dentinhos que causa a diarreia. Em geral, esse desenho de corpo masculino e feminino se estabelece na seio familiar, ao mesmo tempo em que se inspire na tradição kaingang. Em outras palavras, as famílias tem a consciência e conhecimento de que cada criança, seja este menino ou menina, precisa ser conduzida em um caminho específico, com cuidado específico, enfim, com uma formação específica que é a de ser homem kaigang e mulher kaingang.

2. 2 Os Partos na aldeia

Santo Key Claudino. **Imagem (6)**: Cenira Claudino Sales.

Muitas são as histórias contadas pelos nossos *kofás* na aldeia em relação a nascimentos das crianças antigamente. Outras informações bastante recorrente é sobre os acompanhamentos por parte dos profissionais que atendiam as demandas da comunidade kaingang da Guarita, especificamente o setor do Irapuá. Segundo um dos entrevistados, o senhor Santo Key Claudino, que era o "enfermeiro" (antes não era assalariado, hoje aposentado) da aldeia naquele tempo, "não havia preocupação com as mães por parte dos profissionais que atendiam na área indígena, pois, todos eram brancos e não sabiam na verdade como se comunicar com as indígenas". Nesse caso, a ausência do conhecimento dos valores culturais de um povo, principalmente na hora do parto, fazia com que as mães fossem levadas para um local que chamavam de "enfermaria do posto" onde as mulheres brancas realizavam o parto das indígenas, funcionava como um pequeno hospital.

Em outros momentos, as profissionais brancas, chamavam as indígenas mais velhas consideradas de parteiras para auxiliarem na comunicação com as mães em processo de parto, pois, poucas compreendiam a língua portuguesa e não entendiam. Isso até continua ocorrendo no que se trata a profissionais brancos, isto é, uma pessoa se qualifica com uma certa função na área da saúde simplesmente não domina a língua indígena, uma vez que segue ou está presente na terra indígena em exercício de sua função.

Além disso, entende-se que a compreensão ou domínio de uma língua indígena é de suma importância para que os profissionais que não são indígenas e que respondem pela saúde em uma certa área indígena tenham consciência de saber o porquê da necessidade de vir ali (posto de saúde/hospital) quando a alternativa para um bom parte de uma mulher kaingang pode se efetivar em casa, especificamente na presença e acompanhamento de uma parteira e de regras tradicionais kaingang.

O relato da senhora Maria Gria de 89 anos comprova que a chegada dessas enfermarias mudou com o modo das indígenas terem seus filhos de acordo com as regras e orientações tradicionais de seu povos.

> *quando eu ia ter meus filhos eu fazia exercício, eu ia no mato e na lavoura, eu tirava material pra fazer artesanato e ai isso era pra fazer força e exercício e meus três filhos nasceram em casa com a ajuda da mãe e da minha sogra. Quando "tava" no dia de nascer eu tomava chá o dia inteiro pra o neném vir mais rápido (acelerar as dores). E quando ei tinha mais gente em casa e eu estava nos dias de ganhar os outros filhos eu ia pro mato pra ninguém ver e ganhava lá mesmo, cortava o umbigo dele e depois eu voltava e tomava os chás (a entrevistada não aceitou contar quais eram os chás) esses chás eram tomados para que a menstruação das mulheres não viessem antes de um ano após a gestação.*

Esse relato descreve a observação tradicional kaingang com suas regras e normas sendo posta em prática pelas mulheres durante o processo de parto. Obviamente que o nascimento de uma criança está na responsabilidade total da mulher, mas que envolve a

família, bem como toda a comunidade que participa desse momento indiretamente, através de informações, comentários, enfim, manifesta uma preocupação e cuidado.

Arcídia Amaro (esq.) e Maria Gria (dir.) especialistas em ervas medicinais). **Imagem (7)**: Cenira Claudino Sales

Esse cuidado geralmente envolve o corpo da mulher e também com o corpo da criança, uma vez que durante o processo de nascimento de uma criança nas concepções indígenas o corpo se expõe aos olhos da vida da natureza, bem como para que o trabalho de parto ocorra da melhor forma possível e menos dolorido. É o que se entende quando a entrevistada diz que "naquele tempo nós tomava chás de ervas do mato para ter bastante água na hora do parto, hoje as índia nova não querem tomar mais, por isso que fazem operação para tirar neném (cesárea) por falta de líquido que vem dos chás de antigamente". As parteiras se sentiam também constrangidas em fazer seus rituais de preparação das gestantes para o parto pois elas tinham vergonha das brancas que ali estavam e assim deixavam de lado as ervas medicinais usadas até então.

Contudo, percebe-se que conforme o tempo houveram muitas mudanças no uso dos nossos remédios, além de termos vivenciado um momento crítico em relação a manutenção

dos costumes com a das parteiras na comunidade que passaram a se sentir desvalorizadas dentro do próprio contexto. Além disso, em meados de 1993, a chegada de programas políticos dos governos trouxe um novo modelo para o atendimento à saúde dos indígenas e essas mudanças atingiram em cheio as mães grávidas, pois, os atendimentos de parto começaram a se dar praticamente todos em hospitais das cidades próximas e assim começa um novo comportamento entre elas.

2.3 Descrição de uma experiência materna kaingang

Apesar de estar correndo o risco de ser esquecida pelas futuras gerações, as mulheres kaingáng da Terra Indígena do Guarita ainda tentam dar continuidade às práticas tradicionais relacionadas aos cuidados no período que envolve a gestação, principalmente as mais maduras. Isso porque mesmo que as pessoas tentem a não dar valor ao que reza a tradição kaingang nos dias de hoje essas normas continuam exigindo na consciência das pessoas, isto é, continua permanecendo na memória.

Em prática, uma das orientações das mães e avós para uma mulher grávida é em relação ao cuidado com a alimentação e atividades físicas. As duas orientações são exigentes, pois, requerem uma observação contínua e em cada ato da mulher. O cuidado com a alimentação se refere mais por questões do período de resguardo, no caso reza a tradição kaingang de que o corpo da mulher assim como o da criança está aberto e qualquer descuido podem ter complicações.

Entende-se que a questão da saúde nas Terras Indígenas é uma necessidade, de que precisamos de investimentos para que os indígenas tenham acesso à saudade pública, principalmente por questões de condições sociais, portanto, não é uma coisa desnecessária.

Por outro lado, o que precisa ser compreendido é a necessidade do reconhecimento dos valores culturais de um determinado povo indígena, assim, no caso levar em conta os conhecimentos tradicionais dos kaingáng, bem como todos os profissionais que atuam em Terra Indígena passar por cursos de preparação e de conhecimento dos costumes desse povo para atuar em consonância com o que descreve a "medicina" kaingang. E, desta forma, os valores de ambas as partes vão continuar sendo preservadas e práticas, o do indígena e do não indígena.

No que se refere a uma experiência de gravidez enquanto mulher kaingang passo a descrever o que vivi nesse período. Durante minha gestação eu obedeci minhas avós e procurei fazer tudo o que elas mandavam e tanto no período da gestação assim como no parto e pós-parto não tive complicações.

A recomendação que minha avó fez foi para que tomasse por 45 dias chá de ervas medicinal, isso para purificação dos organismos, principalmente o útero onde o corpo da criança começava a se desenvolver. Além disso, a preocupação era em relação ao leite materno que a criança precisa para alimentação integral, bem como para fortalecer o corpo em físico, evitando assim a fraqueza espiritual e corporal.

Outro chá que tomei foi para demorar a ter outro filho, segundo a *kuja* que fez o chá medicinal dizia que eu era muito jovem pra ter outro filho. Hoje ela já é falecida e lembro que seu nome indígena era *tuja* (cesto grande).

2. 4 A infância kaingang

Cleunice kaingang e seu filho. **Imagem (8)**: Cenira Claudino Sales

Nenhuma criança ao nascer é diferente da outra, sua personalidade e costumes é que serão moldados no decorrer de sua criação e ambiente ao qual está inserido, é o que ocorre com o nascimento da criança indígena. Além disso, as próprias condições sociais acabam refletindo consequentemente para que a criança tenha condições melhores ou adequados para sua formação e processo de conhecimento dos valores da vida.

Se pensarmos do ponto de vista científico existem inúmeras pesquisas que apresentam resultados surpreendentes na medida em que cada pesquisador desenvolve seu trabalho. Cohn (2005), por exemplo, explicando sobre essa fase diz que é comum para todos uma criança é um ser humano no início de seu desenvolvimento. E conforme as suas palavras,

> *a infância é o período que vai desde o nascimento até aproximadamente o décimo segundo ano de vida de uma pessoa. É um período de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual crescimento da altura e do peso da criança - especialmente nos primeiros três anos de vida... Mais do que isto, é um período onde o ser humano desenvolve-se psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no comportamento da pessoa e na aquisição das bases de sua personalidade...* (Cohn, 2005: pg)

Para os indígenas kaingangs e os demais povos do país, a infância da criança é a fase em que elas “aprendem”, o momento do ápice da formação do ser humano, é nessa fase que os mais velhos assumem a responsabilidade como seus formadores, que ensinam através do ver, agir; e que, por sua vez, as crianças vão sistematizando o seu conhecimento e formação educacional indígena. Isso, porque, as sociedades indígenas, de modo geral, vivenciam um sistema próprio de educação” (ROSA, 2009:51).

É importante salientar que a educação na vida da criança indígena tem seus passos iniciais na vida desde o seu nascimento, porque, na medida em que a mãe, o pai e outros participantes estabelecem um procedimento especifico para que a criança chegue ao mundo com todas precauções. Para Silva,

> *esses processos próprios de educação de um povo são determinados, em certo modo, pelas relações sociais que existem dentro do próprio grupo. É com o nascimento que se inicia a educação indígena e esse processo continua por toda sua vida. A participação da criança nas atividades da vida cotidiana possibilita o ensino aprendizagem das regras da vida em sociedade. Pela observação e imitação das atividades dos adultos, através da ajuda das crianças e adolescentes nos afazeres diários, como: cozinhar, arrumar a casa, cuidar dos irmãos mais novos, confeccionar artesanatos e contar história, se adquire conhecimentos das tradições de um povo que muitas vezes só é possível pela tradição oral e que permanece passando de geração em geração. Ela acontece através de procedimentos onde as experiências de vida de todos os membros da comunidade, passada de geração a geração é valorizada (SILVA, 2002:17).*

Percebe-se, portanto, que os alicerces dessa educação para a vida são os pais, avós, parentes mais próximos, outros membros mais velhos da comunidade, enfim, toda a comunidade, acaba por se envolver na educação da criança. Esse comportamento, esse modo de educar, ensinar a criança indígena a ser um ser social de um modo único, ainda é a prova de que nem toda cultura indígena foi absorvida pela sociedade de fora, felizmente podemos dizer que temos o nosso modo próprio de ensino aprendizagem, esse é um ponto que merece destaque para os kaingangs e também para os demais povos indígenas do Brasil; educar

nossas crianças com valores próprios da nossa cultura é a prova que as mudanças sociais não interferem na infância nas aldeias.

Nossas crianças são cuidadas pelos irmãos mais velhos, é deles a responsabilidade de brincar com a criança enquanto seus pais trabalham. Atualmente muitos dos pais trabalham fora das aldeias e isso gera uma responsabilidade aos irmãos mais velhos, não que isso seja negativo, podemos entender que esse modo de organização fortalece ainda mais as relações de irmandade entre os indígenas kaingangs. O cuidado em relação à saúde das crianças kaingangs na aldeia é observado pelas mães, como exemplo pode-se dizer que uma mãe sabe que está grávida novamente quando ao amamentar seu filho ela percebe que o mesmo apresenta quadros de diarreia constante, pois, segundo elas a criança está tomando leite "estragado".

Durante a realização de entrevistas, algumas kaingangs já não tem conhecimento a respeito, isto é, sobre o tempo de gravidez devido à ausência da menstruação que não acontece entre elas por fazerem uso de remédios tradicionais usados após o nascimento dos filhos. O uso de remédios tradicionais, embora sendo de pouca utilidade hoje em dia pelas mães mais jovens ainda é constante entre as mães mais velhas, ou seja, mães com bastante filhos usam esses remédio. As mães mais jovens já usam constantemente os remédios indicados pelos profissionais de saúde que atuam nas aldeias, assim a influência da sociedade ocidental fica bem evidente nessas jovens. Em relação a isso algumas avós entrevistadas na aldeia afirmam que evitam dar remédios tradicionais as jovens por acreditarem que o uso simultâneo dos medicamentos químicos pode trazer problemas se usado ao mesmo tempo em com os remédios tradicionais. Dificilmente as kaingangs se dirigem as UBS (unidades básicas de saúde) a fim de realizar testes de gravidez e isso acontece geralmente a partir do terceiro

mês de gravidez. Geralmente, as mães indígenas kaingangs amamentam seus filhos até quando eles quiserem mamar, não existe tempo definido para interromper esse elo.

Desta forma, quando as mães não podem amamentar por motivos de trabalhos, por exemplo, elas deixam seus filhos com outras mães na aldeia para que outras assumam parcialmente essa responsabilidade, não existem receios entre as kaingangs de uma amamentar os filhos de outras, pode-se considerar que até os filhos são um bem comum entre as mães indígenas. Quando seus pais e avôs estão por perto a observação é a maneira usada como método de aprendizagem, os kaingangs não dizem para a criança: senta aqui que eu vou te ensinar! Isso, porque, a maneira de ensinar e aprender é através da observação silenciosa, eles sentam ao lado dos mais velhos que estejam fazendo qualquer trabalho que for e observam em silêncio, em nenhum momento fazem perguntas ou comentários. A isso tem-se como exemplo o momento da fabricação dos artesanatos é um dos momentos mais fácil de comprovar essa dinamização e sistema de ensino-aprendizagem no contexto em que se projeta a fase da infância indígena.

2.4 O momento da escola para os kaingang

Ao irem pela primeira vez na escola os pequenos passam por um processo de adaptação, começam a conhecer sua marca, os professores perguntam qual a sua marca e passam a conhecê-la através das unhas onde, dependendo da marca, ao observarem também o formato do rosto, cada um saberá através do professor qual sua marca e receberá um nome na língua kaingang a partir disso então.

Atualmente é difícil encontrar uma criança que já saiba seu nome em kaingang, difere dos tempos passados quando todos nós já sabíamos nossa marca e nome na língua, por isso a necessidade e importância da presença dos professores sejam todos kaingangs nas series iniciais nas escolas indígenas.

Um dos pontos importantes a ressaltar é que os indígenas já não se sentem mais intimidados na presença dos não indígenas, pois, antes quando um indígena via que um branco se aproximava de sua casa a fim de visitá-lo eles corriam, se escondiam e ficavam espiando os mesmos pelas frestas (casa feita com taquara ou madeira) de sua casa. O contato era quase nulo.

Aos poucos, esses hábitos foram se perdendo e os indígenas começaram a perceber que os brancos não lhes fariam mal algum. Parece estranho falar, mas, a facilidade de comunicação de nossas crianças com os brancos tem se mostrado constante, as crianças já se sentem à vontade em novo processo de convivência frequente, bem como conseguem se deslocar nos mercados, por exemplo, sem a ajuda dos pais.

Considerações Finais

A temática em si é bastante complexo, ao mesmo tempo está sempre em discussões realizadas pelos pesquisadores não indígenas. Não é de hoje que essa questão vem sendo debatida pelas pesquisas científicas. De outra forma, seu significado e valores continua em fluidez, mas também em situação crítica, isto é, os kaingang em certo momento estão envolvidos entre a certeza e a incerteza do que se deve observar no que reza a tradição de sua cultura.

Dentro dessa atividade de pesquisa e produção textual que resultou em Trabalho de Conclusão de Cursão passou-se a entender que a cultura kaingang está sempre em transformação em diversos níveis, entre os quais na observação relacionado ao período de gestação, nascimento e infância kaingang.

Tradicionalmente, as mulheres kaingang em período de gestação tem conhecimento de que precisam acompanhar orientações familiares, especificamente de mulheres com maior experiência representada pela parteira. Além disso, envolve o uso de ervas medicinais que possibilitam para o bom desempenho no parto.

Entende-se que as mais velhas apresentam uma experiência bem típica do tempo em que tiveram aquela experiência, assim relatam os valores, as normas, os tipos de vitaminas utilizadas para o bom desenvolvimento do corpo da criança e da mãe. Por outro lado, esse processo passou por mudanças em relação ao cuidado, assim, hoje as mulheres de idade mais avançada relatam preocupações, críticas sobre os novos procedimentos adotados pelas mulheres mais novas, mas que certo momento são mudanças que precisam de adaptações e que precisam ser compreendidas mesmo que não se perca as razões de uma tradição.

Creio que esse tipo de discussão vai continuar acontecendo, tanto em nível interno das comunidades indígenas, assim como em nível acadêmico. Em outras palavras, em nível interno costuma-se ouvir a preocupação das pessoas que vivem em uma certa aldeia, com as mulheres que já não tem a preocupação em manter o que a tradição reza com seus conceitos, normas e dinamicidade; assim como em nível externo, em sua parcialidade, mais precisamente os pesquisadores em muitas ocasiões tiveram a experiência de conviver junto as populações indígenas e que relatam através de pesquisa, entrevistas contando as situações críticas que existem nas terras indígenas.

Essas expressões continuarão fluindo. É importante sim continuarmos valorizando a nossa cultura indígena, independentemente da cultura que fizermos parte, com nossas línguas, tradições, rituais, cerimonias, alimentações, ervas medicinais entre outros valores que descrevem a cultura indígena. Enfim, a formação do corpo e da criança indígena envolve várias coisas, especificamente, a família, a comunidade e a cultura.

Bibliografia

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROSA, Helena Alpini. **A trajetória histórica da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis:Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

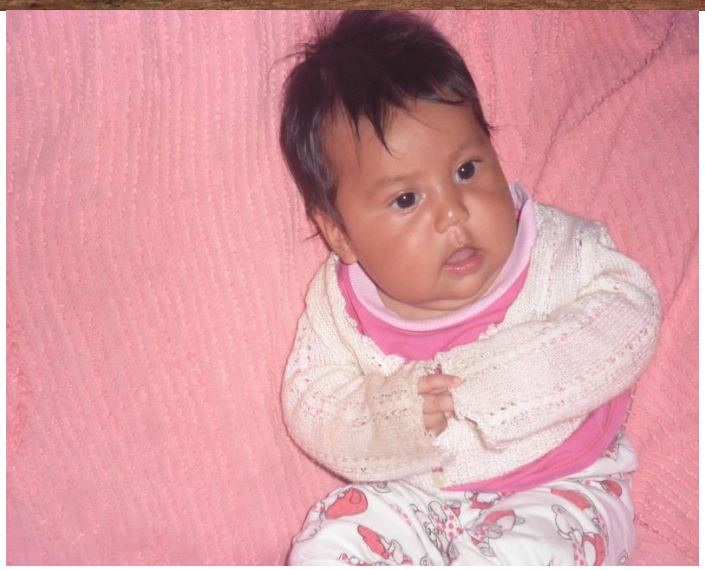
SILVA, Giselle Nara de Lima da**. Educação Kaingáng: Um veículo para a autonomia..** Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

Sites acessados:

www.encontro2012.historiaoral.org.br/ (acessado em 10 de Dezembro de 2014)

www.unioeste.br (acessado em 05 de Janeiro de 2015)

Anexo

Encontro de gestantes no Setor Irapuá

Atual Posto de saúde do Setor Irapuá. **Imagem**: Cenira Claudino Sales.